



O caminho para a verdade

A chuva que caía há dias parara finalmente nessa tarde. Um suspiro de alívio percorreu a turma toda. Os rapazes sabiam agora que o jogo de futebol, ansiosamente esperado, poderia ter lugar e já não seria cancelado por causa do mau tempo.

— Bom, às três horas no campo de jogos, mas em ponto! — diz Matias para Ricardo, ao irem juntos para casa no final das aulas.

Ricardo meneia a cabeça e murmura algo de ininteligível de cada vez que Matias dá pontapés nas pedras do caminho para ensaiar golos. Tenta acertar num tronco, numa pedra, ou até numa simples folha de árvore. Ricardo já não suporta este hábito. É que Matias tem tudo menos boa pontaria.

As suas brincadeiras com as pedras já tinham causado aborrecimentos que chegassem. Matias achava que era precisamente por isso que devia treinar mais. Como se dar pontapés a pedras fosse de uma importância vital! Ainda Ricardo não tinha acabado

de pensar isso e já se ouvia o barulho de vidros partidos: a última pedra de Matias tinha voado direita à janela da entrada do Sr. Gilberto. Ricardo ficou a olhá-la, petrificado.

— O melhor agora é fugir! — ouviu Matias sibilar.

E, com um grande salto, o autor da asneira desapareceu a correr pela rua abaixo.

Ricardo ainda estava a olhá-lo, confuso, quando sentiu que alguém o agarrava pela gola e o puxava com força. À sua frente, furioso e ofegante, estava o Sr. Gilberto.

— Até que enfim que te apanhei, rapazinho! Espera aí que vou levar-te já ao teu pai, e vais ver o que te acontece!

Às três horas em ponto, Matias apareceu no campo de jogos mas, por mais que procurasse Ricardo, não o encontrou.

“Afinal, sempre o apanharam!”, pensou Matias. “E, ou assumiu ele a culpa, ou não o deixaram falar. Já é costume. O pai dele, às vezes, é muito severo.”

Matias ficou de pé, na tribuna, a olhar para o campo vazio. Combinavam quase sempre encontrar-se uma hora antes, para arranjam um bom lugar. Mas, de um momento para o outro, Matias perdeu o entusiasmo pelo jogo. Pensava no vidro da janela, em Ricardo, e a má consciência atormentava-o.

Devagar e de cabeça baixa, abandonou o campo e encaminhou-se, hesitante, para a casa dos pais de Ricardo.

Foi o pai em pessoa que lhe abriu a porta.

Irado como estava, nem sequer deixou Matias falar, dizendo-lhe asperamente:

— É inútil, Matias! O Ricardo está fechado no quarto, de castigo, a fazer os trabalhos de casa... Ele que te conte tudo na segunda-feira, na escola. Já só faltam dois dias e meio!

E foi para dentro, fechando a porta.

Matias voltou a tocar à campainha insistentemente e, desesperado, acabou por bater à porta com os punhos. Não podia aceitar uma injustiça daquelas. Mas, dentro da casa, ninguém se moveu. Os pensamentos atropelavam-se-lhe na cabeça. “Muito bem”, pensava ele, “então vou contar-lhe a verdade pelo telefone. E se ele também não me deixa falar pelo telefone?”

De repente, Matias tem uma ideia e volta a correr para casa. A mãe ainda não tinha regressado do trabalho. Procurou papel de carta e um envelope, escreveu a toda a pressa

umas linhas e levou a carta à estação dos correios mais próxima. Mostrou ao empregado o dinheiro que lhe sobrava da semanada e perguntou:

— Chega para mandar uma carta por correio-expresso para a cidade?

— Chega e sobra, rapaz.

— E a carta é entregue agora mesmo?

O empregado olhou-o, sorrindo, e respondeu:

— Há fogo? Não tenhas medo, que estás com sorte. A carta pode chegar ao destino em meia hora. Ex-ce-ci-o-nal-men-te.

Feliz, Matias entregou a carta. Uma meia hora mais tarde, o pai de Ricardo abria uma carta. E, admirado, leu:

Caro Sr. Pinto,

Venho, por este meio, provar-lhe que a verdade, afinal, consegue entrar em sua casa. Fui eu que parti o vidro da janela e vou pagá-lo com a minha próxima semanada. Espero pela resposta em frente da sua casa.

Com os meus cumprimentos

Matias

A resposta que o pai de Ricardo mandou a Matias pesava quase 40 kg e vinha a rir-se. Era o Ricardo! Este, assim que viu o amigo sentado à espera na soleira da porta, disse:

— Matias, tu és o maior maluco do mundo! O que tu fizeste... bem, nunca hei de esquecer.

— Ora — resmungou Matias — não fales tanto, senão perdemos também a segunda parte do jogo!

Eva Rechlin



Jutta Modler (org.)
Brücken Bauen
Wien, Herder, 1987
(Tradução e adaptação)